

FLASH

“Kiwi e vinho ajudam ao sucesso”

Inácio Ribeiro
Presidente da Câmara Municipal de Felgueiras

A que se deve a taxa de desemprego tão baixa no concelho de Felgueiras?

Estou em crer que será a mais baixa do país. Temos 60 mil habitantes e 3116 desempregados inscritos nos centros de emprego. Acredito que isso se deve à excelência e competência, não só, dos nossos trabalhadores, mas também dos nossos empresários.

É um concelho voltado para o exterior?

Sem dúvida. Exportamos quase 700 milhões de euros e somos responsáveis por praticamente metade da produção total de calçado. Mas não só. Somos o maior produtor nacional de kiwi e o segundo maior de vinho Verde. São três áreas importantes em que estamos no pódio, sem esquecer outras em que, também, temos posições importantes, como os têxteis e vestuário, a metalomecânica e até a pirotecnia.

A falta de mão de obra tem obrigado alguns industriais a investir em unidades fora de Felgueiras. Não há uma perda de riqueza?

Não o vejo assim. Prefiro encarar isso como sinal da competitividade e excelência estratégica das empresas de Felgueiras que, esgotada a capacidade de resposta no concelho, se estende aos concelhos vizinhos e aí cria empregos.



[PROTAGONISTAS]

Carité: “Transporte aos trabalhadores é mais-valia”

A falta de gaspeadeiras, operárias especializadas na costura das gáspeas (a parte dianteira do calçado), levou Reinaldo Teixeira a investir numa nova fábrica. Desta feita em Celorico de Basto. Há 23 anos instalado em Felgueiras, onde tem três fá-

bricas da Carité, Reinaldo Teixeira assegura o transporte dos 230 trabalhadores.

A única alternativa, diz, num concelho que conta com 32 freguesias, mas garante que o benefício supera os custos. “É uma mais-valia face a outras empresas que não têm este serviço, e



DIREITOS RESERVADOS

16 milhões de euros de faturação

ajuda a fidelizar os trabalhadores”, sublinha.

Na nova fábrica de costura, em Celorico, dá emprego a 30 costureiras, mas está já a formar mais. O objetivo é chegar ao final do ano com outras tantas contratadas.

Com uma produção diária de 2500 pares por dia, o grupo Carité fornece grandes marcas de luxo internacionais. Produz calçado de homem e senhora, sendo detentor das marcas Stiletto, J. Reinaldo e TenToes. Prepara-se para apresentar em setembro a sua coleção de criação sob a marca TenToes Júnior. ●

Felmini: O sucesso em Itália

A comemorar este ano quatro décadas de atividade, há 25 anos, pelo menos, que a Felmini – a marca de calçado português que mais vende em Itália – assegura o transporte aos seus trabalhadores das zonas de Amarante, Fafe e Lousada. Tem três carrinhas de nove lugares, e respetivos motoristas, e, ainda, um autocarro de 70 lugares fretado a uma companhia de transportes.

Um custo mensal elevado, reconhece, mas ao qual recu-

sa fazer contas nesses moldes. “Que fica caro, fica, mas vale a pena. Em Felgueiras estava tudo mais que esgotava, tivemos mesmo de ir buscar pessoal fora e ensiná-lo a trabalhar”, afirma o fundador da empresa, Joaquim Moreira. Hoje, garante, já a dificuldade para arranjar trabalhadores não é assim tão grande. Tem cerca de 190 funcionários e contratações e pondera fazer uma ou outra “que se revele necessária” para assegurar os 280 mil pares que produz ao ano.



ARQUIVO

15 milhões de euros de vendas

Presente em 35 países e com uma faturação anual na ordem dos 15 milhões de euros, obtida exclusivamente com a venda de calçado de marca própria, Joaquim Moreira garante que 2012 foi “dos melhores anos na vida da Felmini”, com mercados como a Alemanha e a França a “crescerem muito”.

Investimentos não estão previstos. “Se a conjuntura não fosse tão assustadora, até poderia aproveitar os apoios fiscais anunciados, mas tenho de pagar todos os meses a quase 200 pessoas, fora os 80 ou 100 mil euros que faço de costura fora”, diz. Não poupa é na divulgação da marca, tentando evitar as cópias: “Até o forro, que temos registado no mundo inteiro, é copiado”. ●

Joia: 1 milhão em nova fábrica

Um milhão de euros foi quanto a Joia Calçado investiu numa nova fábrica em Cabeceiras de Basto. Um aposta feita exclusivamente com capitais próprios, sendo que o local foi escolhido porque tinha mão de obra disponível, ao contrário de Felgueiras, onde está instalada a casa-mãe, e, também, pelo apoio e colaboração obtido da autarquia.

A unidade nasceu vocacionada para o corte e costura, de gáspeas, mas está pensa-

da para, posteriormente, se o mercado assim o exigir, evoluir. “Se se justificar, poderemos avançar no futuro, quem sabe, com a montagem de outro tipo de produto diferente do que fazemos na casa-mãe”, explica Luís Sá.

Além das 50 pessoas que emprega em Cabeceiras (começaram por ser 36 há oito meses), a Joia tem mais 150 trabalhadores em Felgueiras, projeto que não pretende descurar. “A nova fábrica apoia a casa-mãe, o objeti-



ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGES

8 milhões de volume de negócios

vo é que cresçam em conjunto. Queremos, a breve prazo, assegurar 50% das nossas necessidades de corte e costura”, adianta.

A Joia tem uma produção diária de 1800 pares e fatura oito milhões. Lançou há um ano a sua marca, a Cloud, vocacionada para o calçado de conforto e que tem ajudado a atrair novos clientes para a própria fábrica, interessados em colocar as suas encomendas, e a abrir novos mercados, como Israel, Bielorrússia, EUA e Canadá. Sobre o sucesso da indústria e o seu predomínio em Felgueiras, Luís Sá destaca a capacidade das empresas para se adaptarem a novas realidades, investindo continuamente em tecnologia e “know-how”. ●